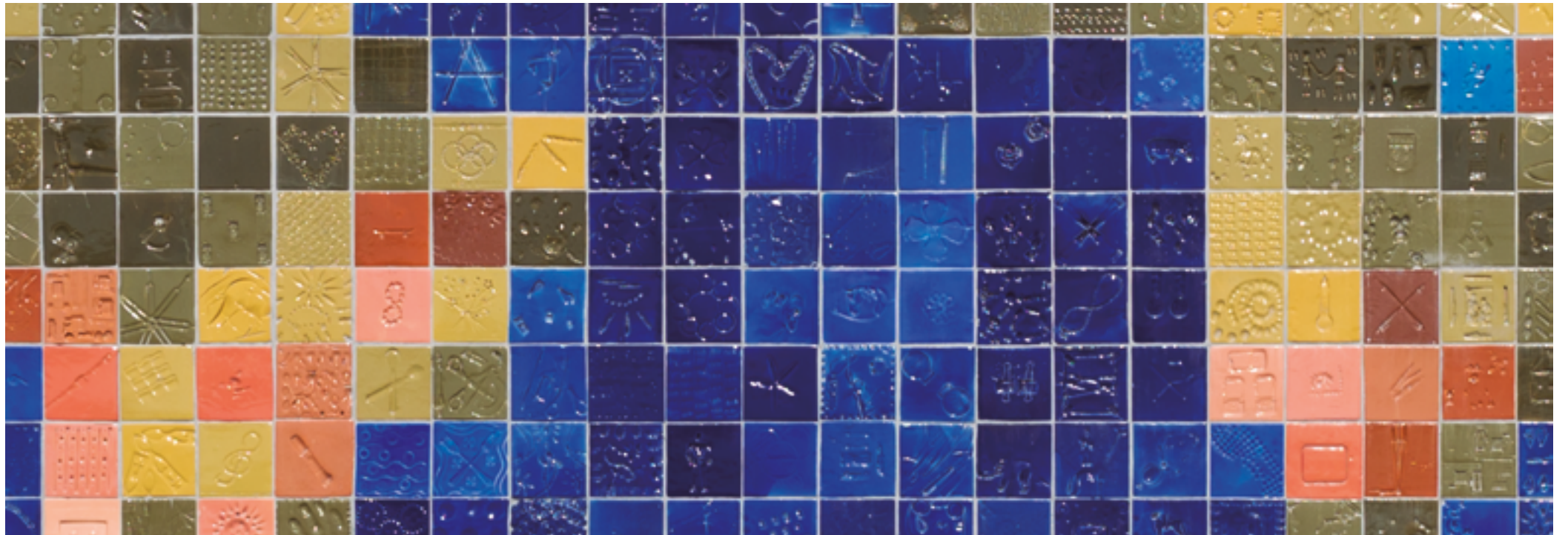


# Planisfério da Interculturalidade: um Projeto de Arte Cerâmica Participativa

Mário Rainha Campos



O *Planisfério da Interculturalidade* (PI) é um mural cerâmico participativo que resulta de um projeto educativo de coesão social em ambiente escolar com participação voluntária, realizado no Monte de Caparica, no concelho de Almada. Foi criado para dar continuidade ao processo de Arte Pública com Envolvimento Comunitário, iniciado neste território com o *Monumento à Multiculturalidade* (MM).

A participação pública nestas duas criações artísticas envolveu a população residente do Monte de Caparica na transformação simbólica e real do seu espaço comum, e no desenho de uma nova centralidade para o Município de Almada, o Centro Cívico do Fróis.

Este Centro Cívico no Monte de Caparica nasce de um programa de regeneração urbana para bairros críticos (Polis XXI) e integra o Complexo Municipal de Piscinas de Caparica; a Biblioteca Municipal Maria Lamas; a nova sede do Clube Recreativo União Raposense; o Parque Urbano do Fróis com palco ao ar livre e anfiteatro no campo de jogos; para além das duas obras de Arte Pública mencionadas.

#### Arte Pública com Envolvimento Comunitário

O *Monumento à Multiculturalidade* (2011-2013) resultou de um modelo inovador de encomenda participativa da Câmara Municipal de Almada (CMA) à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL). Esta opção revelou uma vontade política de se investigarem novas formas de fazer escultura enquanto prática social, fomentando o envolvimento crítico e empenhado dos cidadãos na tomada de consciência do que é a qualificação simbólica do espaço coletivo.

Esta realização artística comum foi desenvolvida por uma equipa transdisciplinar (escultura, antropologia, sociologia, arquitetura, história da arte e educação pela arte), apoiada por estudantes voluntários e coordenada pelo escultor e professor Sérgio Vicente.

Ao longo do projeto, foram realizadas sete sessões públicas de trabalho que, ao todo, contaram com cerca de 70 participantes que responderam às convocatórias abertas. No final de cada sessão de trabalho, esta equipa reunia na FBAUL para, a partir das conclusões obtidas, desenhar a próxima sessão. Foi numa das reuniões de planificação destas sessões que, ao analisar os comentários de alguns participantes, se começou a identificar a relevância de continuar o processo iniciado com o *MM*, potenciando os objetivos desta experiência pioneira, mas, desta vez, com toda a comunidade escolar e, através dela, com as suas famílias.



1  
Desenho de cor do mural PI,  
que permitiu determinar o número  
de azulejos a vidrar com cada  
uma destas 25 cores.  
Autor: Mário Rainha Campos.

Todos os envolvidos consideraram interessantíssima a metodologia usada, que recorria a grupos focais, e foi unânime a satisfação com o número e qualidade das participações. Apesar disso, constatava-se que as participações, por muito representativas que fossem, eram uma amostra pouco significativa num território com aproximadamente 13.500 habitantes. Mesmo tendo em conta a diversidade de referências culturais dos participantes e a riqueza das suas experiências de vida, sentia-se que era necessário alargar a participação da comunidade de modo a promover uma maior apropriação do novo centro cívico. O caminho apontado pelos próprios participantes passava pela comunidade escolar e, através dela, pelas suas famílias.

Avaliava-se também a possibilidade (não adotada) de alterar o nome para Monumento à Interculturalidade, por se considerar que a multiculturalidade é um conceito limitado e não necessariamente inclusivo, e sentia-se que alguns participantes não se reviam totalmente na diluição do seu contributo individual na solução coletiva.

A ideia de fazer o *PI* como o projeto educativo do *MM*, surgiu em outubro de 2011 na FBAUL, num intervalo de uma destas reuniões de reflexão. Desde essa primeira reunião, passaram-se quatro anos até à sua inauguração.

O *PI* nasceu de um misto de necessidade e acaso. Sempre se apresentou como o projeto educativo do *MM*, coordenado pelo Serviço Educativo da Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, da Câmara Municipal de Almada, em colaboração com o CIEBA (Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes) – Departamento de Escultura da FBAUL e com o apoio da União de Freguesias de Caparica e Trafaria.

### Do azulejo ao pixel: um ecrã cerâmico para o mundo

Quando se começou a desenhar a metodologia de participação e o processo colaborativo de criação, estabeleceram-se as seguintes premissas:

- Que a matéria-prima a usar fosse amigável, pouco dispendiosa e que não representasse qualquer perigo para a saúde ou para o ambiente (visto que os participantes iriam ser crianças e jovens);
- Que os participantes tivessem um contato direto com uma técnica de introdução à escultura, logo, à tridimensionalidade;



2

A escutar o trava-línguas “Planisfério da Interculturalidade”.

Fotografia: Bruno Mendes.

3

Cada participante criou o seu azulejo com a assistência de um tutor-voluntário. Enquanto participantes e tutores trabalhavam lado a lado na mesma mesa, todos os outros modelavam desejos em barro na grande mesa de expressão livre.

Fotografia: Bruno Mendes.



- Que todos os participantes pudessem atuar de forma visível no resultado final, que se sentissem representados e que o todo fosse mais do que a soma das partes;
- Que a metodologia incluísse voluntariado, digno desse nome e que não fosse mais uma perversão do conceito, para mascarar uma forma de exploração laboral.

Para responder a estes objetivos, a equipa encontrou as seguintes respostas:

- O material a usar seria a pasta cerâmica branca;
- A técnica de introdução à escultura seria o baixo-relevo, através de impressão por decalque;
- O formato quadrado do azulejo permitiria a composição das partes para a criação de um todo, a imagem do planisfério do planeta Terra, em que cada azulejo representaria o seu autor, através do molde de um objeto identitário por si escolhido;
- O projeto seria enriquecido através de um programa de voluntariado, que acabou por evoluir para uma comunidade de aprendizagem.

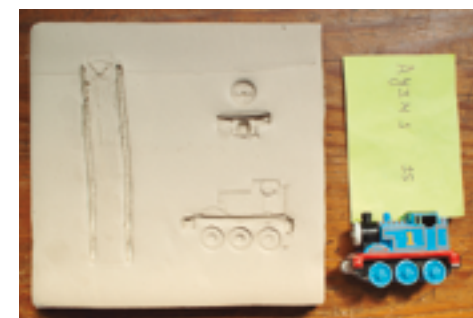
O mural do *PI*, inaugurado a 14 de outubro de 2015, é constituído por 2178 azulejos, realizados ao longo de 138 sessões, com todas as 146 turmas, do pré-escolar ao 12º ano, das oito escolas públicas do Monte de Caparica nos anos letivos 2012/13 e 2013/14. Este mural de autoria coletiva tem 10m de largura por 5m de altura, com 66 x 33 azulejos, cada um com aproximadamente 15 x 15 cm.<sup>1</sup>

O *PI* celebra a tradição portuguesa do azulejo, interpretando o seu formato quadrado como um *pixel* no mosaico de uma imagem digital

<sup>1</sup> A metodologia desenvolvida para a realização destes azulejos foi discutida por três voluntários do projeto no II Encontro Internacional de Reflexão sobre Práticas Artísticas Comunitárias, que se realizou de 19 a 21 de Setembro 2017, no Porto, dentro da programação do MEXE. Esta apresentação está disponível em <https://plataformapis.wordpress.com/2017/09/17/comunicacao-no-ii-eirpac/>.



4  
Todas as 138 sessões decorreram num clima de alegria e concentração.  
Fotografia: Mário Rainha Campos.



5  
Criança a imprimir o seu objeto identitário no barro, com a assistência de um tutor-voluntário.  
Fotografia: Bruno Mendes.

6  
Todos os azulejos foram assim fotografados, junto do objeto identitário que nele foi gravado e com o código composto por escola/ano/turma e número de aluno.  
Fotografia: Bruno Mendes.

e escolheu-se o planisfério do planeta Terra para dar unidade a todas as participações. Mais precisamente, a miniatura de “Blue Marble”<sup>2</sup>, que se pode encontrar em qualquer ecrã quando se pesquisa por imagens num motor de busca na internet.

Apesar deste planisfério (de trama ortogonal regular) provocar uma distorção do território, também permite que todos os indivíduos tenham um azulejo do mesmo tamanho e igualdade de oportunidades para inscrever a sua identidade no mural coletivo. Esta representação da Terra era, na época, a imagem padrão mais usada para aplicações informáticas, devido à sua correspondência entre píxeis e posição geográfica.<sup>3</sup>

O mural *PI* permite duas leituras: uma, de análise, quando nos aproximamos de cada peça que o compõe (simbolizando a bagagem cultural de cada indivíduo); e outra, de síntese, que permite vislumbrar, no todo, o Planisfério do Planeta Terra (metáfora do território da intervenção). Esta imagem do mundo é muito *pixelizada* e é esse reduzido detalhe que nos permite compreender que, se quisermos uma melhor resolução da imagem do Mundo (ou da cidade, ou do bairro...), será preciso mais participação e nós só fomos 2500!... A resolução do problema é proporcional à participação na solução.

- 2 A imagem selecionada foi “Blue Marble: Next Generation”, produzida por Reto Stöckli da NASA Earth Observatory, por ser a representação da Terra com cores verdadeiras mais detalhada até então. O planisfério da Terra que foi usado resulta de uma projeção cilíndrica equidistante, que produz uma grande deformação nas latitudes mais próximas dos polos, provocando uma leitura errada das verdadeiras áreas dos países. Escolhemos esta imagem do nosso planeta, não por validar a supremacia económica dos povos mais afastados do equador em relação aos mais próximos, mas simplesmente por ser a mais icónica no nosso imaginário coletivo.
- 3 Recorrendo a softwares de edição de imagem, fez-se uma síntese cromática de “Blue Marble”, criando um mosaico com apenas 25 cores diferentes (5 Azuis, 5 Verdes, 5 Amarelos, 5 Castanhos e 5 Neutros). Essas 25 variações de timbre, saturação e tonalidade foram impressas em papel fotográfico para servirem de referência à criação da paleta de vidrados do *PI*, afinada por José Martins (técnico ceramista da FBAUL) que cozeu, retificou, vidrou e novamente cozeu todos os azulejos. Foi essencial o suporte técnico dado ao projeto pela FBAUL. O próprio coordenador do *PI*, não tendo formação nem experiência em cerâmica, precisou de aprender sobre esta técnica durante o processo. Muito contribuiu para esta aprendizagem a colaboração com o técnico ceramista, com as suas reflexões, advertências, análises e discussões de resultados. Também foi muito importante para este projeto a consultoria do professor de cerâmica Sérgio Vicente, ao longo de todo o processo e a existência de algumas voluntárias que tinham estudado cerâmica nessa faculdade e que assumiram responsabilidades técnicas durante as sessões nas escolas.

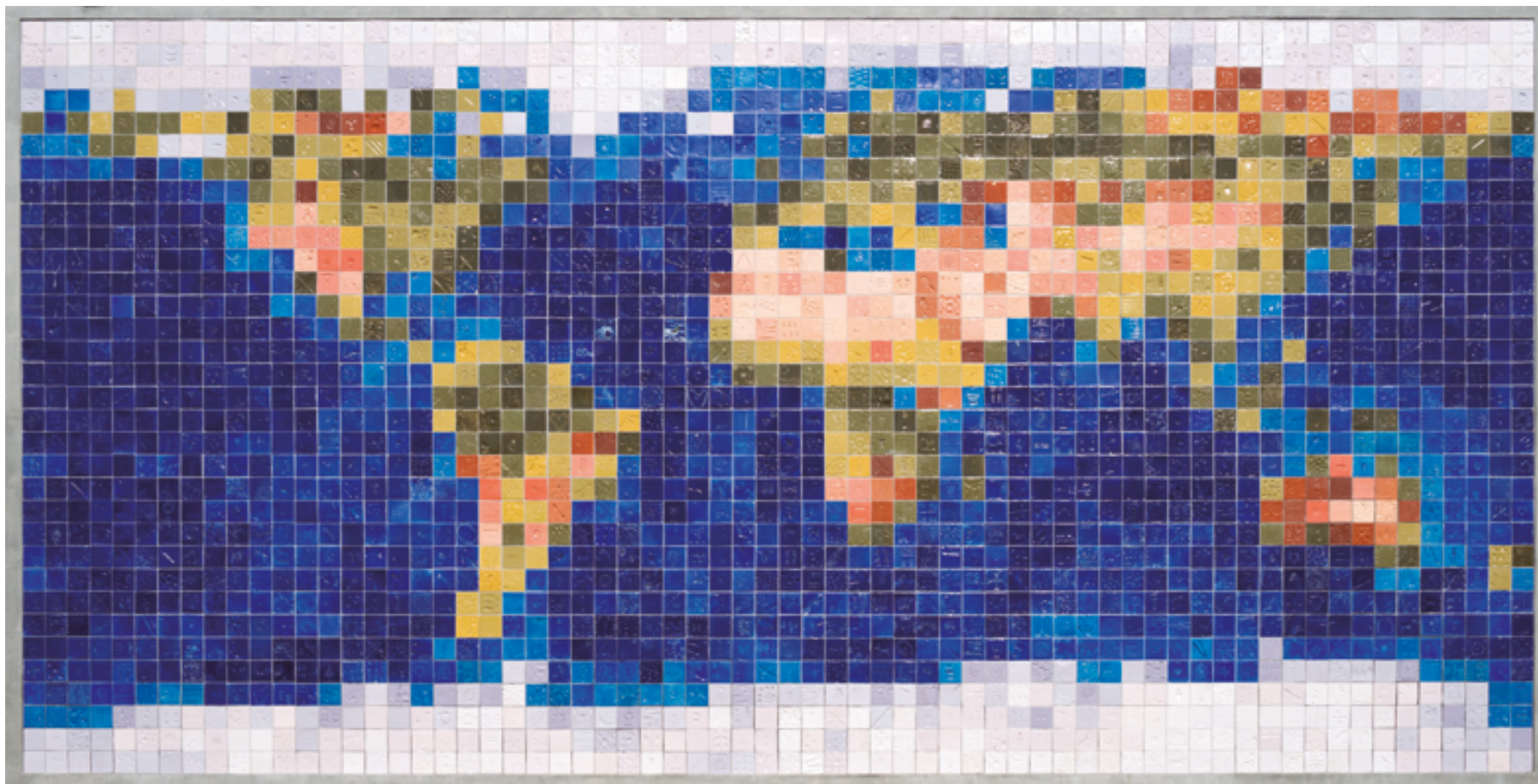
## De programa de voluntariado a comunidade de aprendizagem

O desenvolvimento do *PI* coincidiu com o período da Troika em Portugal. O País foi assistido financeiramente por um grupo constituído por elementos da Comissão Europeia, do Banco Central Europeu e do FMI, de 5 de maio de 2011 a 4 de maio de 2014. Olhando para trás, parece importante contextualizar este projeto nesse período de políticas de austeridade que, como sempre, acabam por afetar sobretudo populações mais vulneráveis, como a do bairro do Monte de Caparica. Foi também um tempo de depressão, de despedimentos e de desregulamentação do trabalho, sem perspectivas de emprego para a maioria dos jovens saídos das Universidades.

Houve diversos aspetos no processo de criação do *PI* que o tornaram único para os tempos que se viviam, mas talvez a característica mais singular e transformadora tenha sido a existência de mais de 70 voluntários-tutores, que entraram na escola pública deste território, que ouviram a história desta comunidade educativa e que, conjuntamente, ajudaram a criar todos estes “fósseis” dos objetos identitários, em azulejo.

Num período de austeridade, em que se reduziram drasticamente os recursos humanos nas escolas, cada voluntário partilhou 10 a 15 minutos de atenção com cada uma das mais de 2000 pessoas que contribuíram para o Mural Coletivo. Estes voluntários humanizaram o projeto, mantiveram viva a reflexão sobre os seus propósitos, deram unidade à diversidade de participantes, asseguraram o equilíbrio entre expressão individual e coletiva, aprofundaram a reflexão sobre o porquê da escolha dos objetos identitários, facilitaram a exploração plástica na gravação de signos no barro e ajudaram a clarificar qual a mensagem gráfica que cada um pretendia enviar para o futuro. Também ajudaram a desenvolver o desenho das sessões e os seus procedimentos; filmaram o processo; fotografaram para catalogar cada azulejo e poder indexar-se toda a informação recolhida numa base de dados; ajudaram a determinar a posição específica de cada azulejo no painel; criaram a página [facebook.com/PlanisferioDaInterculturalidade](https://www.facebook.com/PlanisferioDaInterculturalidade) para divulgar os azulejos que se iam produzindo e agilizar a comunicação com os participantes; e alimentaram o blogue [plataformapis.wordpress.com](http://plataformapis.wordpress.com), uma plataforma de reflexão, a partir do *PI*, sobre práticas de arte, comunidade, educação e voluntariado... Fizeram do longo caminho uma festiva oportunidade de aprendizagem, encontro, partilha e cocriação!

Havia uma energia contagiante no *PI*, que testemunhos recolhidos mais tarde entre os voluntários deixam muito claro — o projeto era exaltante,



7

Mural cerâmico *Planisfério da Interculturalidade*. Do azulejo ao *pixel*, somos um ecrã cerâmico para o mundo.  
Fotografia: Mário Rainha Campos.



pela sua dimensão cívica e social, e, ao mesmo tempo, proporcionava uma multiplicidade de aprendizagens, que abriam novos caminhos e inúmeras perspetivas de trabalho... Foram centenas de momentos especiais que o tempo, entretanto percorrido, permitiu entender como uma forma de resistência à violenta crise económica que nesse período se viveu, nomeadamente na escola pública. O *PI* cultivou os valores humanos da escola: a capacidade de criar empatia, de escutar, respeitar e aceitar a diferença; de praticar a cidadania.

### Avaliar para Perspetivar

Com o *PI*, ficou inscrito no território o conceito da interculturalidade e semeou-se a curiosidade de lhe saber o significado; exercitou-se a cidadania de todos os que participaram neste processo; foi promovido muito trabalho interdepartamental na Câmara Municipal de Almada e mais interação com as entidades locais.

Decorridos cinco anos desde a festa de inauguração do *PI*, onde se celebrou a comunidade educativa deste território, e apesar de nunca se ter feito qualquer avaliação formal deste projeto (repetidamente proposta), é evidente no bairro o impacto positivo destas dinâmicas de Arte Pública com Envolvimento Comunitário. O facto de o *MM* e o *PI* não estarem vandalizados é só um dos indicadores visíveis da aceitação, apropriação e preservação deste espaço público. Outro aspeto positivo é que este centro cívico ajudou a construir uma nova imagem para o bairro, mais positiva. Os equipamentos sociais instalados tornaram-se sinais e razões de orgulho de se viver naquele lugar, que atualmente é usufruído e cuidado regularmente por muita gente.

Esta dinâmica teve ainda continuidade na primeira edição do Entrança – Festival Intercultural, promovido pelo município em Maio de 2017. No entanto, foi interrompida, como se pode constatar pelo palco inacabado nas traseiras da estrutura de suporte do painel de azulejos. Processos desta natureza, que se desenvolvem ao longo de muito tempo, estão sujeitos a ser descontinuados com a alteração de prioridades definidas por cada executivo, a cada quatro anos.

O *PI* foi um projeto com impacto social alargado que demonstrou ser possível assegurar a uma comunidade, o direito à produção do seu lugar cultural na cidade. É um projeto que responde com ferramentas eficazes a problemas reais no território.

Vislumbramos o potencial de replicação da metodologia de arte cerâmica participativa desenvolvida no Planisfério da Interculturalidade



8

Entrança – Festival Intercultural, que se realizou no Centro Cívico do Fróis, inspirado na festa de Inauguração do *PI*.

Fotografia: Mário Rainha Campos.

que, curiosamente, se escreve com as iniciais *PI* em quase todos os idiomas europeus. Em todos os países da UE existirá pelo menos uma cidade com tradição de trabalho em cerâmica, com escolas de ensino artístico a investigarem essa tecnologia e que tenha, simultaneamente, pelo menos um bairro periférico estigmatizado com sintomas de segregação social, onde exista grande concentração de grupos sociais de estratos económicos baixos com origens étnicas muito diversificadas e onde se identifique a necessidade de promover integração e coesão ao nível social e urbano.

O *PI* sempre se imaginou como um projeto “glocal”, de ação local com impacto global, em que o mural cerâmico seria o portal, uma entrança para a sua tradução digital, disponível em qualquer lugar do mundo, através de um ecrã ligado à internet.

A utopia desse mural digital, para o qual todos os elementos foram recolhidos, mas que nunca foi possível realizar, acompanharia o mural físico. Seria como uma biblioteca de histórias de vida daquela comunidade, guardando o que cada participante lá inscreveu (a fotografia do objeto identitário, o porquê da escolha desse objeto e a mensagem que cada um enviou para o futuro com a sua composição gráfica).

Se o *PI* se replicasse, os diversos murais cerâmicos poderiam todos concorrer sinergicamente para alimentar uma plataforma digital europeia onde se detalhasse um *PI* digital com cada vez melhor resolução. Poderá um *PI* digital, com resolução europeia, criar uma comunidade de aprendizagem alargada, onde territórios diversos se unam para resolver problemáticas comuns?

## Referências

LUZ, L. (2013). Projecto: Planisfério da Interculturalidade. *Paraquedas* 1 (2013). [www.revista-paraquedas.net/ilhas-arquipelagos-pontes/planisferio-da-interculturalidade/](http://www.revista-paraquedas.net/ilhas-arquipelagos-pontes/planisferio-da-interculturalidade/)

MACEDO, J. (2016). Planisfério da interculturalidade. Museus e mediação: novos espaços e possibilidades de mudança. *Revista Digital do LAV* 9: 2, pp. 167–180. <http://www.redalyc.org/pdf/3370/337046881011.pdf>

RATO, A., & VERHEIJ, G. (2017). *Da autoria à criação participada na construção do espaço público: Uma perspetiva desde o Planisfério da Interculturalidade* (Almada). *Estudo Prévio* 12. <https://www.estudoprevio.net/gerbert-verheij-alexandra-rato-da-autoria-a-criacao-participada/>

RATO, A., VERHEIJ, G., & FERNANDES, M. (2017). *De pé, ó voluntários! Cidadania e auto-aprendizagem no Planisfério da Interculturalidade* (Almada).

In J. G. Abreu, & L. Castro (Eds.). *Arte Pública na Era da Criatividade Digital: Atas do Colóquio Internacional 2017* (vol. 1: pp. 173–180). Universidade Católica Editora. [http://www.uceditora.ucp.pt/resources/Documentos/UCEditora/PDF%20Livros/Porto/DIGITAL\\_ATAS\\_ArtePublica\\_VOL1.pdf](http://www.uceditora.ucp.pt/resources/Documentos/UCEditora/PDF%20Livros/Porto/DIGITAL_ATAS_ArtePublica_VOL1.pdf)

VICENTE, S. (coord.) (2016). *Escultor cidadão, cidadão escultor: Um monumento à multiculturalidade em Almada*. FBAUL.